



PROFISSÕES

Vida de 'concurseiro' não é fácil

RENAN FIUZA

A cada ano milhares de pessoas se inscrevem em concursos públicos por todo o Brasil e enxergam nessa oportunidade a chance de uma carreira sólida. A estabilidade financeira é o grande atrativo dos editais. As opções são diversas e vão da área de saúde até humanidades, passando por provas para formados do Ensino Médio, Superior Técnico e bacharelados. Mas, para tal conquista é necessário muito empenho, horas focadas nos estudos e uma certa abdição do convívio social.

Antônio Carlos Teixeira é um exemplo dos chamados "concurseiros". Recém formado em Produção e Multimídia, optou por fazer um curso técnico de dois anos para obter o diploma mais rapidamente. Incentivado pelos pais, também funcionários públicos na cidade de Registro, o jovem vem enfrentando a maratona de provas e estudos há nove meses, na esperança de um resultado positivo ainda esse ano.

"Desde 2006 presto provas para adquirir experiên-



Divulgação

Concurso público: uma opção de carreira estável

cia. Na época, os editais de Ensino Médio. Em seguida, dei uma pausa para ingressar na universidade, me formei, e hoje completo nove meses de muito estudo e exames. Sempre com o apoio dos meus pais, que me ajudam com as despesas de apostilas e cursos preparatórios".

Teixeira que será aluno da primeira turma de Pós-Graduação de Gerenciamento de Redes Sociais e Marketing Digital, da Unisantia, pretende ainda este ano ser aprovado em um edital para desta maneira pagar as despesas do curso.

"A ideia é me tornar um funcionário público ainda

este ano, para arcar com as mensalidades da Pós-Graduação. Pretendo também, após graduado, ingressar no curso de Publicidade e Propaganda. Para isso, preciso de recursos financeiros, e o concurso público é um bom caminho para eu conseguir conquistar os meus objetivos".

Desde a sua formação no curso técnico em Multimídia, são nove meses de preparação, ao todo 10 concursos prestados. Uma maratona que contou com três provas só no mês de abril. Em média, são seis horas de estudos diários, que começam as 8h40 e vão até o meio dia, no cursinho pre-

paratório. Em seguida, o jovem segue para o trabalho. Ao retornar para a casa por volta das 19 horas, retoma os estudos que finaliza às 21 horas. Esta rotina rigorosa é seguida inclusive aos finais de semana, com exceções dos domingos.

"Não abro mão dos domingos é o único dia que escolhi para descansar. Penso 24 horas do dia em concursos públicos; até na hora em que estou trabalhando, se tenho tempo, estudo. Não é fácil passar, são poucas vagas para muitos candidatos. O único segredo para conseguir a vaga é ficar colocado, aumentando assim a minha chance. Tarefa difícil", comenta.

As apostilas são partes presentes em armários e cômodas da casa de um "concurseiro"; com ele não é diferente. Em média, 20 cadernos dividem espaço com sofás e escrivaninhas. O jovem já perdeu a conta de quanto gastou com materiais de estudo, que vão de cadernos de apoio, do próprio cursinho, até apostilas e vídeo-aulas online.

"Na média, as apostilas custam em torno de R\$ 40. Toda vez que abre um edi-

tal, compro uma. Este ano já foram dez. Tem também as apostilas virtuais e as vídeo-aulas que fecho em pacotes. Não sei ao certo quanto já gastei, só sei que foi muito. Por isso tenho meus pais como suporte. Tudo pelo sonho".

Teixeira que está no cadastro reserva em seis concursos, aguarda sua vez para ser chamado. Enquanto o resultado não vem, ele segue em ritmo acelerado de estudos e tem até o final do ano mais quatro editais para serem cumpridos.

"Tenho mais quatro provas até o final do ano. Um mês antes da data do exame intensifico os estudos e começo a fazer simulados. Só quando realmente estiver trabalhando vou ter a certeza do dever cumprido. É o meu sonho e também os do meus pais. Sabia que não seria fácil, mas acredito que a recompensa para tanto esforço está próxima". E brinca: "Hoje ando de ônibus para baixo e para cima. Quando tiver a oportunidade de andar com meu próprio carro, ter minha casa e ser chamado de funcionário público, vou dar risadas dessas horas em claro que passei estudando".

COMÉRCIO

Nas ruas, as vantagens e desvantagens do mercado informal

GILDA LIMA

O mercado informal dos vendedores de produtos piratas e de baixo custo, ainda é muito elevado nas ruas e exige atenção tanto dos vendedores como dos compradores. Entre pilhas, rádios mp3, carrinhos e outros produtos, os preços são baixos e atraem compradores diversos.

Luis (que não falou o sobrenome) atua como camelô há 30 anos e declara que não é fácil trabalhar, pois requer muita responsabilidade. Ele já foi preso por vender produtos não originais e ainda está respondendo um processo

por vender CDs e DVDs piratas. Como são produtos que vendem bastante ele não consegue deixar de comercializá-los. "Se eu não tenho, outro tem, então eu vendo". Luis trabalha desde os 13 anos como camelô e comenta que não dá muito dinheiro, mas adora o que faz.

O aposentado Benedito Reis sempre compra produtos de camelô e nunca se arrependeu de comprar. O produto que mais procura é o fixador de dentaduras que na farmácia custa em média, R\$ 50,00 e na banca, ele compra por R\$ 20,00 e garante ter o mesmo efei-

to. "Compro porque preciso e como nunca tive problemas não me importo de comprar aqui. É mais barato e economizo para outras necessidades".

Já a dona de casa Ana Paula Cruz não costuma comprar em camelôs. Ela considera meio arriscado adquirir determinados produtos, mas se o preço valer a pena e não colocar risco algum a saúde não vê problemas. "Só compro se o preço compensar e se não causar qualquer risco, principalmente porque tenho criança pequena em casa. Do contrário, prefiro produtos com nota fiscal".



Gilda Lima

Barracas de camelôs oferecem diversas mercadorias

COMPORTAMENTO

Uso de celular em sala de aula provoca divergências

LUIZ HENRIQUE ANTUNES

A utilização dos aparelhos celulares em sala de aula se tornou comum no dia a dia dos estudantes. O problema é que nem sempre o uso significa que o aluno fará uma busca acadêmica ou procurar solucionar uma dúvida. Com tantos aplicativos e acesso à internet, o celular se transformou num vilão. Para alguns professores, em vez de ajudar, os aparelhos multifuncionais só atrapalham.

Em um ambiente na qual o estudante deve manter total atenção, os celulares invadem as salas de aula. O que poderia ser útil se tornou um transtorno. Alguns professores dividem opinião sobre o uso. Para alguns, o acesso ao material do professor é válido e para outro é inaceitável, já que tira todo o foco da aula.

Há três anos, a Câmara dos Deputados aprovou a lei que proíbe o uso de celulares em escolas de ensino básico, porém no ensino superior não existe algo sobre o assunto.

Para o professor de Engenharia Mecânica da Universidade Santa Cecília, Fernando Marques, alguns estudantes deixam de prestar atenção durante as aulas só para mexer nos celulares. No entanto, quando



divulgação

Enquanto estudantes são a favor do uso dos aparelhos telefônicos, professores discordam dessa prática em sala de aula o uso for para ajudar a entender a matéria a iniciativa é válida. “Na maioria das vezes atrapalha e muito. O aluno deixa de ouvir a aula e no fim faz perguntas sobre o que eu falei. Se for para acessar o meu material, não vejo proble-

ma algum”. Já o professor também de Engenharia Mecânica, Willy Ank de Moraes, defende que a utilização dos aparelhos deve ser restrita. “Não gosto quando usam celular em sala de aula, exceto em caso de urgência

ou trabalho. Às vezes, chamo a atenção do aluno e peço para que ele desligue e guarde o telefone”.

A estudante do 2º ano de Produção Multimídia, Ana Carolina, não larga o celular, inclusive na hora de estudar.

“Normalmente, uso o telefone para tudo. Às vezes, prefiro copiar a matéria do professor no meu telefone. Acho mais prático e rápido. Além do mais, posso estudar o conteúdo do professor em qualquer lugar”.

COMPORTAMENTO

Celulares dominam rotina da população

MARIA FERNANDA

A cada dia que passa menos pessoas vivem sem celulares e tecnologias. Atualmente, os celulares não têm apenas a função de fazer ligações. Possuem internet, aplicativos, redes sociais, acesso a e-mail. Eles fazem parte de uma rotina de trabalho e estudo. Não importa onde você esteja estará conectado com o mundo.

As pessoas dispensam até mesmo as ligações e usam as tão famosas SMS para se comunicar.

No Brasil o número de linhas de celular é maior que a população brasileira, de 193 milhões.

Antes da implantação do nono dígito, o limite de linhas era de 44 milhões. Com o nono dígito, passa a ser de 90 milhões. As mudanças foram necessá-



Divulgação

Atualmente os aparelhos celulares são indispensáveis no cotidiano especialmente entre os jovens

rias porque o número de linhas telefônicas na região da grande São Paulo estava chegando perto do limite de combinações possíveis com oito dígitos.

Mas há quem condene o uso dos aparelhos tão úteis nos dias de hoje. Alguns reclamam que as pessoas ficam focadas naquele aparelho e não dão atenção ao mundo a sua volta.

O aposentado, Antônio Mendes reclama que seu filho, Lucas, fala com ele sem tirar os olhos da tela do celular. E muitas vezes nem faz ideia do que ele disse, apenas concorda sem saber com o quê. E o filho retruca dizendo, “Eu escuto sim, só que sou mais novo que você e presto atenção em mais de uma coisa ao mesmo tempo”.

PROFISSÃO

Repórter fotográfico: arte permanente do ofício

RAFE AGUIAR

Olhar instintivo, conhecimento da técnica, equipamento certo e paciência são algumas das características para se tornar um bom fotógrafo. Já um repórter fotográfico exige mais ainda da disposição do candidato ao cargo. Em setembro, este profissional comemora o seu dia.

A família Trevisan Reis é composta por três repórteres fotográficos: o casal Cristina e Cláudio, e a filha Lívia. Eles são donos do portal PlanetKart, que há onze anos faz cobertura de campeonatos de karts. São cerca de 50 mil fotos por semana de diferentes circuitos, revezando entre pai, mãe e filha.

O trabalho familiar é levado a sério por toda a família. Cada um colabora do jeito que pode, até mesmo as outras duas filhas que

trabalham em outras áreas, com exceção de Júlio, filho mais velho, que é o primeiro competidor de kart com deficiência auditiva. Cristina Trevisan as ensinou desde cedo como trabalhar com fotografia.

“Você tem que ter emoção ao tirar uma foto, vivê-la e saber o que está fazendo. Fotografia é arte”, comenta Cristina.

Lívia iniciou a sua carreira há dez anos, e desde então não parou mais de atuar profissionalmente. “Eu comecei a fotografar profissionalmente quando a máquina gravava no disquete”, conta. Apesar de cursar Técnico de Enfermagem no Guarujá, a fotógrafa não parou seus trabalhos.

Ela ainda analisa o quadro dos profissionais da atualidade. “Com a ajuda da tecnologia, hoje em dia qualquer um pode se tornar um fotógrafo”, fala a pro-



O casal Cláudio Reis e Cristina Trevisan ensinaram a paixão pela arte para toda a família



Por semana são tiradas mais de 50 mil fotos, em média

fissional sobre a situação do mercado de trabalho. “Como os equipamentos digitais são mais acessíveis, o nosso trabalho não é tão levado a sério”, completa.

O mercado de trabalho para os repórteres fotográficos também assusta os que querem ingressar na área. É como retrata a gerente de área de uma rede de *fast food*, Ana Simões, conhecida como Megs, que se considera uma fotógrafa amadora. Ela comprou seu primeiro equipamento em 2009 e sempre teve notoriedade com as suas fotos postadas nas redes sociais.

Megs não troca a sua carreira pela fotografia por causa da estabilidade finan-

“Você tem que ter emoção ao tirar uma foto, vivê-la e saber o que está fazendo. Fotografia é arte” Cristina Trevisan

ceira. “Eu não sei se conseguiria ter o mesmo salário que eu tenho com fotografia. Tenho uma estabilidade muito boa”, revela. Apesar da insegurança, a gerente já investiu cerca de R\$ 2 mil em equipamentos de fotografia e passa boa parte do seu tempo livre dedicado à arte.

Para Luiz Nascimento, professor de Fotojornalismo da Universidade Santa

Cecília (Unisanta), o essencial para se destacar nesta profissão é o gosto por fotografia. “O aluno tem que gostar do que faz, pois tirar foto não é só apertar o botão do obturador”, recomenda o professor. Luiz também aconselha que os apaixonados por fotografia analisem fotos em jornais, revistas e sites, além de prestarem atenção nos detalhes como edição e legenda.

Vida de vendedor: histórias que mostram a profissão

CAROLINE SOUZA

A profissão de vendedor é uma das mais antigas e numerosas que existem. Alguns vêm nessa profissão uma oportunidade de ter o primeiro emprego. Outros não conseguem se imaginar fazendo outra coisa e há ainda aqueles que viram nessa profissão uma nova oportunidade de trabalho, menos estressante que outras.

Felipe Villarinho Alvarez tem 43 anos, estudou no complexo Unisanta até os 17 anos. Só não cursou faculdade no mesmo local, pois na época não havia o curso de Administração. Ele é vendedor e dono das lojas Gardênia Flores.

“Sou a terceira geração da família que trabalha nesse ramo. Meus avós começaram vendendo flores na feira e meus pais montaram a primeira loja. Eles ainda trabalham e a loja existe até hoje. Mas, eu não segui no ramo por obrigação, eu me apaixonei por isso e faço tudo com muito amor”.

A empresa possui três lojas em Santos, com um total de 22 funcionários. Felipe explica que alguns vendedores estão há mais de 20 anos na empresa. “Nós valorizamos nossos trabalhadores e investimos na mão de obra, oferecendo cursos para eles. E fazemos isso porque somos uma loja familiar, que precisa ter um contato dire-

to com os clientes e nada disso seria possível se os vendedores não se dedicassem tanto quanto nós”.

Sérgio Luiz Cicero é dono da loja Cicero de roupas femininas e os vendedores são os próprios proprietários. Assim como a família de Villarinho, a de Cicero também está no ramo há muitos anos. “Eu me formei em Engenharia, mas nunca exerci a profissão. Trabalhar com vendas está no sangue, minha família trabalha com isso desde 1957”. Cicero conta que a família começou vendendo tecidos em feiras, mas em 2004 decidiram mudar para o ramo de confecções prontas. “Apesar de termos mudado de

ramo, nossos clientes continuam comprando com a gente. Eu aprendi a conhecer o gosto dos clientes. Mesmo vendendo roupas femininas, nunca tive problemas”.

A vendedora Roseli Natalieli tem 17 anos e viu nas vendas uma oportunidade para o primeiro emprego. Ela trabalha há um ano e cinco meses em uma loja de roupas infantis. “Antes de começar a trabalhar, achei que teria muitas dificuldades, mas estou me surpreendendo e gostando bastante. Acredito que esse ramo é um dos que mais dá oportunidades para os jovens”. Além disso, Roseli escolheu esse emprego porque

nesse ramo ela pode conciliar estudo e trabalho, já que ainda está cursando o último ano do Ensino Médio.

“Eu trabalhei a vida todo no setor administrativo de empresas, mas há três meses decidi mudar de ramo. Uma amiga abriu uma loja de roupas e acessórios e precisava de uma vendedora, então eu decidi ajudá-la”. Essa é a história de Elaine Nishi, que tem 41 anos e é mãe. Elaine não começou a trabalhar com isso e nem tem família no ramo, mas viu nesse emprego a oportunidade de passar mais tempo com os entes queridos e se estressar menos no dia a dia do trabalho.

COMÉRCIO

Sebo ambulante oferece “serviço cultural” há 22 anos na calçada

RAFAEL CORREIA

Quem costuma passar pela Avenida Conselheiro Nébias, em Santos, talvez não tenha percebido que na sua primeira quadra, que é uma das mais movimentadas da Cidade, existe um sebo ambulante. Após carregar o seu carrinho de mão por várias vezes, com diversos livros, Luiz Antonio de Carvalho, o Luizinho, como é conhecido pelos moradores e clientes, dispõe os seus “produtos de trabalho” em algumas mesas de plástico na calçada, que na verdade são as suas vitrines.

Há 22 anos atuando no mesmo local e seguindo o mesmo ritual pelas manhãs, Luizinho conseguiu o reconhecimento de uma clientela, que se tornou fiel. Ele também atrai aqueles que passam eventualmente pela “calçada mais cultural do Boqueirão”, como diz o amigo e cliente do ambulante, Luiz Carlos Oficina, que completa: “Luizinho presta um serviço cultural. Quem quiser sentar aqui e ler um livro pode fazê-lo gratuitamente”.

Começando com uma



Cerca de mil livros são disponibilizados ao público na calçada da Avenida Conselheiro Nébias

coleção de selos e moedas quando tinha 28 anos, Luiz Antonio passou a colecionar e vender livros devido a sua aptidão pela leitura. Ao longo de sua jornada como comerciante, Luizinho chegou ao montante de mais de 23 mil livros, entre compras e doações, que vão desde clássicos literários infantis, como os de Monteiro Lobato, a exemplares mais contemporâneos, como a trilo-

gia O senhor dos anéis.

Segundo o ambulante, o ofício de vender livros usados na rua é rentável. Ele faz questão de justificar: “Tem que se especializar sobre o assunto. Os sebos voltaram com força total, pois as livrarias estão com preços altos”. Luiz Antonio diz que o fato de ter conhecimento sobre o que ele compra e vende possibilita que os preços sejam cor-

retos. “Não posso comprar um volume raro e vender por R\$10”, completa. O vendedor afirma ter mais de 5 mil obras cadastradas na Estante Virtual, site de vendas de livros usados.

Perguntado se há algum título que não tenha conseguido adquirir, Luizinho diz que ainda está à procura de obras raras, como as primeiras edições de José de Alencar e Manuel Ban-

deira. Caso consiga a aquisição desses volumes, Luiz Antonio terá que solicitar a um amigo comerciante, que armazena cerca de 1000 peças em sua loja, um espaço a mais. Ou, então, terá que levá-los para a sua própria casa, que foi comprada devido à falta de espaço para os livros em sua antiga residência.

Luizinho afirma que existem alguns problemas em relação ao preconceito que algumas pessoas têm com os livros usados. Segundo ele, certa vez uma senhora se aproximou e disse que os livros usados continham pó e outras sujeiras. O vendedor rebateu na mesma hora: “Minha senhora, com todo o respeito, se eu te der uma nota de R\$50 terá muito mais sujeira, mas a senhora irá aceitar”.

Quem quiser adquirir um livro que não encontra há tempos ou simplesmente estiver passando pela calçada da Av. Conselheiro Nébias, e puder dar uma olhada nas obras que Luizinho disponibiliza será muito bem vindo e servido, conforme garante o próprio ambulante.

COMÉRCIO

Livros viram alternativa em bancas de jornais

JOÃO PEDRO DIWAN

Visitar uma livraria várias vezes por semana. Sentar, relaxar a estrutura muscular do corpo para ler um livreto ou apreciar o começo de um bom enredo, acompanhado ou não. Geralmente faz-se isso quando e como se pode. Existem os que cultivem este hábito – em qualquer lugar, em qualquer hora -, e há os que vivem com aspirações à erudição, por gosto, por admiração ou por vontade de criar uma personalidade forte baseada em conhecimentos profundos ou não, por qualquer um ou assunto.

Aqueles que não têm muito tempo para gastar com “hobbies” que mantêm seu “vício cultural”, existem a internet e a compra on-line com todas as suas burocracias, prazos limite e serviço de entrega. Para quem tem tripla jornada diária – estuda, trabalha e ainda cuida da casa -, gosta da facilidade do

serviço pronta-entrega, por conta da falta de tempo que a vida causa, ainda existem as popularmente mal rotuladas, de cor cinza, roxa ou amarela, apagadas a olho nu, bancas de jornal.

Elas quase não têm mais placas que as denominam, talvez porque o nome já conhecido pela população não convenha com a realidade. Elas clamam por atenção, pintam suas estruturas com cores chamativas e, muitas vezes, possuem infinidades de produtos que fogem da produção feita pelas editoras de publicação.

Afinal, quantas pessoas passam em frente a uma banca de revistas, jornais, livros e quinilhariarias? Agora, destas, quantas acontecem com o intuito de compra um livro?

Curiosamente, todas têm públicos diferentes para este tipo de publicação, apesar da falta de diferença física entre elas. “Os livros-coleção, de

editoras como Abril e Folha de S. Paulo são os que mais saem. Geralmente, assuntos específicos e técnicos, como uma coleção de Design e Arquitetura, é o que mais atrai o cliente que procura aqui por livros”, diz o dono da banca Super Centro, Emerson Costa.

Em contrapartida, a funcionária que trabalha há quatro anos na banca Brasileiro, localizada ao lado da entrada principal da UNISANTA, Clara Ribeiro, afirma que os livros mais procurados são os best-sellers, principalmente os que já ganharam versão para o cinema. Na banca Santa Cecília, a proprietária Marli Manini diz que seus livros mais vendidos são os que possuem teor religioso ligado ao Espiritismo. Apesar da proximidade com a universidade, nenhuma delas têm nos jovens os seus principais clientes por livros – os compradores têm, em média, 30 anos ou mais.

SUPERMERCADOS

Comércio deve ampliar o tamanho dos caixas



Nova lei obriga mercados a adaptarem caixas para obesos

GUILHERME LOUREIRO

Os supermercados, hipermercados e estabelecimentos similares estão obrigados a disponibilizar 10%, no mínimo, de seus caixas para o atendimento de cadeirantes, obesos e gestantes, cujos respectivos vão deverão possuir largura igual ou superior a 1,20 metros. A obrigatoriedade decorre da Lei Complementar 776, publicada no último dia 24 no Diário Oficial do Município. Os locais deverão se adequar à lei em 90 dias, ou seja, até 24 de novembro.

Alguns estabelecimentos já se adaptaram à lei, mas outros não.

No Carrefour, localizado na Avenida Conselheiro Nébias, 800, no Boqueirão, ainda não está adaptado. Segundo a gerente, Carla da Cruz Leandro, existem três caixas preferenciais (deficientes físicos), mas para obesos, gestantes e pessoas de bengalas, o atendimento ocorre em caixas normais.

As reclamações sobre o não cumprimento da lei pelo Carrefour poderão ser feitas pela Internet e pelos telefones: 3288-3545 ou 0800 724 2822.

Furtos a caixas eletrônicos alteram rotina no Super Centro

GABRIEL LUTUVINO

Os roubos a caixas eletrônicas se espalharam por todo o estado de São Paulo e a região da Baixada Santista também sofre com crimes deste tipo. Com isso, os estabelecimentos precisaram rever suas práticas de segurança para não serem alvos dos criminosos. É o caso do Super Centro Boqueirão, localizado na rua Oswaldo Cruz, 319. Os terminais eletrônicos do centro de compras foram alvo de criminosos no início de 2011.

Segundo um segurança que não quis se identificar, várias medidas foram tomadas a fim de evitar que o episódio viesse a se repetir, como a instalação de câmeras e reforço nas cercas do centro comercial. Como o roubo foi realizado durante a madrugada, outras atitudes tiveram que ser revistas. “Antes, os seguranças da madrugada ficavam do lado externo, hoje ficam todos na parte



Divulgação

Os roubos a caixas eletrônicos se tornaram frequentes nos últimos meses em estabelecimentos da região

interna”, afirmou.

“Um mal necessário.” É assim que o lojista José Tenório de Freitas define os terminais bancários ins-

talados praticamente em frente da sua loja. Segundo ele, apesar do perigo que oferecem, os equipamentos trazem vantagens

para o comércio. “Quando o cartão não passa nas maquininhas o cliente pode ir lá e tirar o dinheiro facilmente”, declarou.

O centro comercial dispõe de um espaço apropriado com caixas do Banco do Brasil, Itaú, 24 horas, Bradesco e Santander.

ELEIÇÕES

Campanha eleitoral é opção para trabalho temporário

JÉSSICA SANTOS

Para quem está desempregado, precisando de dinheiro ou para jovens que estão buscando uma oportunidade de emprego, a época de campanha eleitoral é uma ótima opção. Além do salário por três meses é a chance para se conseguir um trabalho sem a necessidade de experiência.

Quem pensa que entregar panfletos e segurar bandeiras é trabalho de pessoas mais jovens, está enganado. A aposentada Maria Helena Araújo tem 75 anos e faz esse trabalho há mais de 12. Para ela não é cansativo. “Trabalho cinco horas por dia e me distraio durante esse período. Entrego panfletos não só pelo dinheiro, mas gosto de fazer isso”.

Ana Paula Godinho, 20 anos, disse que já é a quarta vez que trabalha entregando panfletos em época eleitoral. O salário é de R\$ 700,00 por mês para trabalhar seis horas por dia durante os três me-



Gilda Lima

Empregos informais no período eleitoral garantem uma renda extra para quem está desempregado

ses de campanhas. “Esse dinheiro nos ajuda principalmente para as pessoas que estão desempregadas e que necessitam auxílio.”

A cabo eleitoral Camila Andrade, 30 anos, segura bandeiras no Canal 4 e diz que esse tipo de trabalho é necessário, pois estava

desempregada há mais de nove meses. “O grande problema é a falta de educação das pessoas. A grande parte nos confunde

com os políticos, mas apenas fazemos o nosso trabalho. Muitas vezes dizemos bom dia e ninguém nos olha ou responde”.

TRÂNSITO

Desrespeito às vagas para idosos é tema de campanha da CET

RAFAELLA MARTINEZ

A CET de Santos iniciou no dia 2 de setembro a campanha Semana Respeitar é Legal, que tem como objetivo a conscientização dos motoristas a não utilizarem vagas reservadas para deficientes e idosos, além de reforçar a campanha Faixa Viva.

Porém, a cidade com a maior população de idosos da Baixada Santista ainda encontra problemas no que se refere aos idosos no trânsito de um modo geral.

O aposentado Ângelo Armando, afirma que não há respeito aos idosos, nem no trânsito e muito mesmo na hora de estacionar o veículo. "O brasileiro é muito indisciplinado, ninguém respeita a Faixa Viva e também não respeitarão esta nova proposta. Essas campanhas, se derem resultados, serão apenas a longo prazo", afirma Ângelo.

O aposentado Maurício Dias – proprietário de uma moto e um carro - diz que prefere deixar o carro apenas em estacionamentos, onde tem mais certeza de que o veículo estará seguro. Dias afirma também que não existe respeito às vagas reservadas aos idosos, nem mesmo por parte da prefeitura. "É utopia fa-



DESRESPEITO - A reportagem flagou a van de um candidato parada em cima de uma vaga destinada aos deficientes físicos e idosos

lar em respeito aos idosos nesta área", declara.

A taxista Cecília Maruso Passos diz que as leis necessitam primeiramente da consciência da população. Motorista há 27 anos, Cecília afirma que sempre respeitou os pedestres e os outros motoristas, e também pratica a Faixa Viva muito

antes dela virar lei. Porém, a taxista reclama das falhas de comunicação e divulgação de novas campanhas voltadas para a melhoria no trânsito.

"As campanhas de melhorias são mal elaboradas e mal divulgadas também. No fundo, a população, principalmente idosa, ainda

não sabe quando pode usar a Faixa Viva ou não, o que provoca muitos transtornos e riscos".

A taxista também critica a falta de manutenção de algumas sinalizações de vagas destinadas a idosos e deficientes físicos. "A maioria das pinturas de asfalto estão desbotadas, pois a

prefeitura não investe em manutenção. A pessoa acaba parando e algumas vezes nem sabe que aquela vaga é especial. É claro que existem aqueles que param sabendo que é errado, mas em alguns casos não é justo culpar o motorista pelo descaso dos responsáveis", declara.

COMPORTAMENTO

Idade não prejudica vontade de trabalhar

THAMIRYS TEIXEIRA

A aposentadoria costuma ser tempo de descanso de uma vida de trabalho, brincadeiras com os netos e dedicação ao lar. Entretanto, neste cotidiano, nem todos os idosos se encaixam. O perfil padrão de idoso está mudando dia após dia. Onde descansar não é mais prioridade, idosos retornam ao mercado de trabalho com dedicação, experiência e histórias para contar.

Carmelita Ferreira da Silva, 70 anos trabalha como empregada doméstica há aproximadamente quatro anos. Durante 15 anos foi guia turística autônoma, onde organizava viagens, alugava ônibus, cuidava de hospedagens, e comprava passagens. Administrava a viagem de 46 passageiros e três motoristas. A aposentada costumava lucrar cerca de R\$ 2,500 a cada

viagem. Deixou de lado a profissão, pois os assaltos nas estradas estavam aumentando muito.

Hoje, com uma filha e dois netos, Carmelita é aposentada há quatro anos, e trabalha de segunda a sexta, com uma carga horária de sete horas por dia. Seu atual salário gira em torno de R\$ 400. Com bom humor e disposição, em sua rotina diária, a aposentada cuida não só de sua própria casa em Cubatão, como da casa onde trabalha em Santos. Em visitas à residência de sua filha em São Vicente, ela também não deixa a função de lado. "Nunca fui preguiçosa e tenho mais garra que muitos jovens por aí. Se eu fosse cobrar por cada limpeza que faço, teria quase o mesmo lucro de 15 anos atrás", comenta.

A saúde também ganha seus benefícios. Carmelita conta que gosta de traba-

lhar, pois se distrai, ocupa a mente e movimentação o corpo. Segundo a mesma, sua família de início não gostou da ideia, mas depois se acostumaram com a rotina corrida da senhora. Sua filha não gostava da opção de voltar a trabalhar e não aprovava quando ligavam à procura da aposentada. "Muita gente tem medo de que eu me machuque limpando janelas ou lavando o chão, porém sou muito cautelosa. Não posso ter medo de tudo", diz Carmelita, que não tem previsão para parar de trabalhar, e vai ficar no cargo enquanto estiver com boa saúde e disposição.

Alexandre Rodrigues de Souza é ex-professor de Física para o Ensino Médio. Com 81 anos, o aposentado cansou-se da rotina de professor e hoje mantém um roteiro caseiro, realizando apenas alguns tra-



Para Carmelita, a idade nunca foi desculpa para permanecer em casa.

balhos para a vizinhança como eletricitista. Alexandre conta que a aposentadoria veio em hora certa. "Eu passava muito estresse em sala de aula, lecionei por muito tempo. Embora tenha amor pela minha pro-

fissão, chega um momento em que é preciso sossegar". O ex-professor sente que seu dever foi feito, mas nem por isso pretende ficar parado. "Eu faço exercícios, caminho todos os dias e passeio com o cachorro".

Divulgação

TURISMO

Feriado com sol deve atrair turistas para Santos

RAPHAEL RINALDI

O feriado de 7 de setembro promete trazer muitos turistas para Santos. Apesar de ser inverno, o clima está quente na região e muitas pessoas poderão vir para aproveitar a praia.

A procura nos hotéis já está bem movimentada. “Até agora, já foram 50% dos quartos reservados. Se continuar com esse clima bom, a previsão é que tenha 90% de reservas até o início do feriado”, afirma Carol Fraguglia, recepcionista do Parque Balneário Hotel.

Outro atrativo para os turistas são os pacotes promocionais. “A diária está R\$

516,00 para o casal, com direito a café da manhã”, completou Carol. Funcionária do hotel há um ano e meio, ela diz que épocas de feriados costumam ser lucrativas. “Agora vai começar a alta temporada, geralmente é nessa época do ano que o hotel começa a ficar mais movimentado”, disse.

É o que diz também Valéria Carmo, recepcionista do Hotel Atlântico. “Nessa época o movimento é bom apenas quando tem sol. Esse ano parece que iremos ter um número bom de reservas, diferente do ano passado, quando a procura foi baixa devido ao clima de chuva”, afirmou Valéria.



Divulgação

Sol é sinônimo de praias cheias em Santos e região

Piero Bartolini, que mora em São Paulo, costuma passar o feriado da Independência em Santos em que o clima é agradável. “Gosto de vir para cá, dá pra aproveitar bem a praia!”.

Santistas preferem roteiros aéreos

JÉSSICA BITENCOURT

Quando um feriado se aproxima, uma boa ideia é relaxar. Apesar do curto período, o recesso do dia 7 de setembro tem sido oportunidade que muitos santistas esperam para sair da rotina. E tanto para aproveitar, quanto para descansar, nada é melhor que viajar.

E quem pensou que a preferência, na hora de comprar um pacote turístico é por locais que sejam próximos da cidade, se enganou. Em duas das principais agências de turismo de Santos, ambas no bairro do Gonzaga, os roteiros aéreos foram os mais procurados entre os santistas.

Os pacotes da Mendes Tur se esgotaram. Ana Claudia Dommarco, agente de viagens da empresa, que fica no interior do Miramar Shopping, explica o motivo da grande procura por roteiros aéreos. “A maioria das operadoras que oferecem viagens rodoviárias começam seus itinerários por São Paulo, e não por Santos, e isso deixa o consumidor desmotivado a viajar de ônibus”, comenta, especificando os roteiros mais procurados. “Buenos Aires fica



Os passeios aéreos são os mais procurados pelos santistas, cuja preferência é para Buenos Aires seguida pelo nordeste brasileiro

em primeiro lugar, seguido pelo Nordeste. As pessoas preferem aproveitar a oportunidade para conhecer o exterior”, esclarece.

Em relação aos preços, com R\$ 850 já é possível planejar uma viagem para Porto Seguro, por exemplo. Os roteiros internacionais são mais caros, che-

gando a R\$ 1.800 como no caso de Santiago do Chile.

Para quem pretende gastar menos, a CVC Turismo, que fica no Shopping Parque Balneário, oferece opções, no interior de São Paulo. Segundo a agente Luciana Oliveira, os roteiros incluem hospedagem em hotéis-

fazenda e foram bastante procurados para o feriado da Independência. “Por ser um feriado pequeno, este tipo de roteiro é uma alternativa para quem quer passar alguns dias fora da cidade. Campos do Jordão e Barretos continuam na lista dos destinos mais procura-

dos, mas também tivemos Lins e Mogi das Cruzes”, afirma. O preço destes pacotes está em torno de R\$ 1.200,00 por pessoa, em apartamentos duplos.

Como existem pacotes para todos os gostos e bolsos, viajar pode ser uma boa pedida para o merecido descanso.

Expediente

PRIMEIRO TEXTO é o Jornal laboratório do Curso de Jornalismo. Redação, edição e diagramação dos alunos do 2º ano de Jornalismo do período noturno.
Diretor da FaAC: Humberto Iafullo Challoub.
Coordenador de Jornalismo: Prof. Dr. Robson Bastos.
Professores Responsáveis: Prof. Fernando Claudio Peel (diagramação), Prof. Dr. Fernando De Maria e Prof. Ms. Luiz Carlos Bezerra (textos).

Editores: Luiz Antunes e Rafael Correia
e Diagramadores: Capa: Carol Kobayashi; Página 2: Lucas Pereira; Página 3: Rafe Aguiar, Thamyris Teixeira
Página 4: Caroline Souza; Página 5: Gilda Lima; Página 6: Rafaella Martinez; Página 7: Raphael Rinaldi.
O teor das matérias e artigos são de responsabilidade de seus autores não representando, portanto, a opinião da instituição mantenedora.